

IN EO QUOD AMATUR

AUT NON LABORATUR AUT ET LABOR AMATUR:

ESFORÇO E SATISFAÇÃO NO *ITINERARIUM* DE EGÉRIA

Alexandra de Brito Mariano

U. ALGARVE

amariano@ualg.pt

Definição do género: o texto de peregrinação

É difícil precisar o que se entende por literatura de viagens, pois é grande a diversidade de textos que têm como tema a viagem e este género, multiforme por natureza, abarca tipologias textuais diferenciadas. Podemos encontrar cartas e relações de embaixadores e missionários, textos de cruzadas e de expedições longínquas, como as dos aventureiros, obras de carácter puramente geográfico, mas também guias destinados aos viajantes, aos comerciantes e sobretudo aos peregrinos.¹ Uma vez que o objecto não é idêntico e os leitores não são os mesmos, as características da redacção vão, necessariamente, variar em função destes factores. Outras vezes o objectivo do texto poderá ser semelhante. Por exemplo guias e textos de peregrinação têm em comum o facto de pretenderem constituir-se como testemunho útil de uma experiência piedosa: relato da visita aos *martyria*, os santuários onde são conservados os testemunhos da vida dos santos, as relíquias dos mártires e as recordações da vida terrestre de Cristo. Fornecem, portanto, indicações práticas relativamente aos locais a visitar, aos percursos a tomar, à duração dos trajectos, às condições de segurança na zona, aos povos que aí habitam e aos seus costumes, por exemplo. Mas fundamentalmente o que distingue o texto de peregrinação do guia é a visão pessoal que aí perpassa: é a sua *peregrinatio* em particular que o viajante pretende dar a conhecer.

Ora, a importância que a peregrinação foi tendo para os cristãos dos primeiros séculos da Igreja fez nascer uma grande variedade de textos cuja proficuidade perdurou muito para além do seu tempo. Conhecem-se inúmeras viagens de visitantes que por devoção piedosa procuravam os lugares que a tradição definia como santos. Demandavam a Terra Santa peregrinos vindos da Hispânia, França, Itália, norte de África, Pérsia, Arménia, Geórgia, etc...

É neste contexto de profundas alterações políticas e sociais, já no final do século IV, que Egéria iniciará a sua peregrinação à Palestina, viagem que durará três anos o que, só por si, permite adivinhar o carácter determinado da sua autora, pois uma viagem de tal envergadura exigiria, certamente, a mobilização de meios consideráveis, mesmo segundo os padrões da nossa época.

¹ Jean RICHARD, *Les récits de voyages et de pèlerinages*, (Typologie des sources du moyen âge occidental, n.º 38), Brepols, Turnhout, 1996, pp. 15-52. Não existe referência ao *Itinerarium Egeriae* porque a *Typologie* definiu como balizas cronológicas o período de 500 a 1500.

As fontes: Aretinus 405 / Egéria

O *Corpus Christianorum* no tomo 175 da sua série latina² apresenta os vários *Itineraria* à Terra Santa até ao séc. VIII. O *Itinerarium Burdigalense*, que é a primeira relação conhecida deixada por um visitante dos lugares santos da Palestina é, no entanto, o único do século IV, ou seja, do mesmo período histórico que o Itinerário egeriano, que ora nos propomos apresentar, e revela uma única preocupação do autor: a marcação das distâncias entre as estações (*mutationes*) onde pára, ou as cidades que atravessa e os albergues (*mansiones*) onde passa a noite. Ora, o *Itinerarium ad loca sancta de Egéria*³, ultrapassa a simples nomenclatura topográfica para assumir uma densidade a que não é alheia a singularidade da sua autora. O texto é o segundo testemunho escrito de uma peregrinação ao Oriente (viagem empreendida cerca de 50 anos depois da do peregrino de Bordéus, que já referimos) e o primeiro que se conhece redigido por uma mulher⁴.

Descoberto em Arezzo por G. F. Gamurrini em 1884⁵, este manuscrito do séc. XI (*Aretinus* 405) não apresenta referência expressa à identidade do autor. Foi recorrendo à carta em louvor de Egéria que o eremita galego Valério, no século VII, dirigiu aos monges de Bierzo⁶ que se estabeleceu como certa a autoria do *Itinerarium*. Quem era afinal Egéria? A leitura do texto permite vislumbrar uma personalidade piedosa, uma monja, provavelmente até abadessa de uma comunidade religiosa. Tal facto pode ser deduzido, segundo informação do próprio texto, pela familiaridade com que Egéria refere a diaconisa Martana que teria encontrado na sua

² CCL, TURNHOUT, 1965. Além do *Itinerarium Egeriae*, referem-se o da autoria do peregrino de Bordéus (séc. IV); o de EUQUÉRIO, *De situ Hierusolymae* (1.ª metade séc. V); o de TEODÓSIO, *De situ Terrae sanctae* (sécs. V-VI); o de ANTONINO DE PLACENTA (c. 570); o *Breuiarius de Hierosolyima* (1.ºs decénios do séc. VI); o de ADAMNANO, *De locis sanctis* (séc. VII); o de Beda e de Pedro DIÁCONO, *De locis sanctis* (séc. VIII).

³ É este o título do texto preferido em *Peregrinatio*. Tal nome encontra-se referido em três catálogos de manuscritos da biblioteca de Saint-Martial, em Limoges. Este título deve também depreender-se da expressão *Ingerarium Geriae*, da carta de S. Rosendo, texto do século X redigido em nome deste bispo de Mondoñedo. Trata-se da carta de fundação da abadia de S. Salvador de Celanova (Orense). A. WILMART («L'Itinerarium Eucheriae», *Revue Bénédictine*, 25, 1908, pp. 458-467) foi o primeiro a identificar este *Ingerarium Geriae* com a narrativa da nossa monja. Cf. Pierre MARAVAL, *Égérie: Journal de voyage (Itinéraire)*, Paris, Les Éditions du Cerf, 1982, pp. 18; 44; 328-329. (Sources Chrétiennes, n.º 296).

⁴ Conhecem-se, é certo, outras damas que teriam empreendido peregrinações ao Oriente. Destacamos, por exemplo, Melânia-a-Velha viúva de um prefeito de Roma, em 373 (JERÓNIMO, *Epist.*, 4 – PL, t. 22, col. 336), Paula de uma nobre família romana e Eustóquio, em 385 (*Idem*, *Epist.*, 108 – PL, t. 22, col. 878-906) e Poemenia, parente de Teodósio, em 390 (PALÁDIO, *Hist. Laus.*, 35 – PL, t. 74).

⁵ A bibliografia mais recente e completa da obra de Egéria é da autoria de M. STAROWIEYSKI, «Bibliografia Egeriana», *Augustinianum*, 19, 1979, pp. 297-318 (296 números). Sebastião JANERAS acrescentou mais 49 novos títulos à bibliografia egeriana. Cf. Sebastião JANERAS, «Contributo alla bibliografia egeriana», *Atti del convegno internazionale sulla "Peregrinatio Egeriae" – Nel centenario della pubblicazione del codex Aretinus 405 (già Aretinus VI, 3)*, Arezzo, 13-15 Ottobre, 1987, Arezzo, 1990, pp. 355-366. A primeira edição portuguesa, publicada no Brasil, é da autoria de Maria da Glória NOVAK, *Peregrinação de Etéria*, Petrópolis, 1971; existe recente tradução portuguesa: Alexandra de Brito MARIANO e Aires A. NASCIMENTO, *Egéria – Viagem do ocidente à Terra Santa no séc. IV (Itinerarium ad loca sancta)*, Lisboa, Colibri, 1998.

⁶ *Epistola beatissime Egerie laude conscripta fratrum Bergidensium monachorum a Valerio conlata*. Cf. a edição de M. C. Díaz y Díaz inserida na obra já citada de Pierre MARAVAL. Os vários manuscritos desta carta apresentam cinco formas diferentes para o nome da monja: *Egeria*; *Eiberia*; *Echeria*; *Heteria* ou *Etheria*, mas hoje em dia é comumente aceite a forma *Egeria*. Para o estudo desta problemática cf. a obra supra, pp. 17 e 327.

visita a Selêucia e que teria a seu cargo um mosteiro na cidade.⁷ Mas é sobretudo a referência explícita a um grupo de mulheres «veneráveis senhoras e irmãs»⁸, como frequentemente lhes chama, a quem dirige o seu testemunho escrito que permite que aceitemos como certa a sua condição de religiosa. Repare-se, por exemplo, no parágrafo 23, 10: «Deste lugar, senhoras, minha luz, enquanto escrevia isto a Vossa Caridade, era meu propósito, em nome de Cristo nosso Deus, ir logo à Ásia, isto é, a Éfeso, para rezar por causa do santuário do santo e bem-aventurado apóstolo João. Ora, se depois disto estiver ainda no meu corpo, e se puder conhecer outros lugares contá-lo-ei em presença a Vossa Caridade, se Deus se dignar conceder-mo; ou pelo menos, se um outro projecto me vier ao espírito, informar-vos-ei por escrito (...).»⁹. Provavelmente estas senhoras são companheiras de mosteiro, pois esta proximidade é reafirmada pela preocupação constante em relatar um conjunto de experiências de base religiosa. A expressão *iuxta Scripturas*, que surge logo na abertura do texto - «[os lugares] eram-nos mostrados seguindo as Escrituras¹⁰;» -, demonstra a vontade de identificar (*manifeste cognoui*, 2, 7), por intermédio da visão, e recordar as raízes históricas bíblicas¹¹.

É a sua piedosa religiosidade (*gratia religionis*, 19, 5) e uma aguçada curiosidade que não se envergonha de expor que a motivam a avançar. Atente-se no começo do parágrafo 16, 3: «Então eu, como sou muito curiosa, comecei a perguntar que vale era este onde um santo monge tinha feito para si agora um mosteiro, pois de facto pensava que isto não tinha sido sem razão¹².» A sua peregrinação tem, pois, um objectivo claro: obedecendo a uma inspiração divina (*iubente Deo*) procura reconhecer com precisão os lugares que a tradição aceita como sagrados e que circunscreve a uma área geográfica bem definida. Desloca-se de Bíblia na mão,¹³ de lugar em lu-

⁷ 23, 3: *Nam inueni ibi aliquam amicissimam michi, et cui omnes in oriente testimonium ferebant uitae ipsius, sancta diaconissa nomine Marthana, quam ego apud Ierusalimam noueram, ubi illa gratia orationis ascenderat; haec autem monasteria apudactitium seu uirginum regebat. Quae me cum uidisset, quod gaudium illius uel meum esse potuerit, nunquid uel scribere possum?* - «De facto, encontrei ali uma das minhas melhores amigas, a quem todos no Oriente rendiam homenagem pela sua vida, uma santa diaconisa de nome Martana, que eu tinha conhecido em Jerusalém onde ela tinha subido para rezar; ora, ela dirigia um mosteiro de apotactitas e de virgens. Quando me viu, que alegria para ela e para mim! Como poderei descrevê-la?»

⁸ 3, 8: *dominae uenerabiles sorores*. Cf. também os parágrafos 19, 19; 20, 5; 23, 10; 46, 1 e 46, 4.

⁹ *De quo loco, domnae, lumen meum, cum haec ad uestram affectionem darem, iam propositi erat in nomine Christi Dei nostri ad Asiam accedendi, id est Efesum, propter martyrium sancti et beati apostoli Iohannis gratia orationis. Si autem et post hoc in corpo fuero, si qua preterea loca cognoscere potuero, aut ipsa presens, si Deus fuerit prestare dignatus, uestrae affectioni referam aut certe, si aliud animo sederit, scriptis nuntiabo. (...).*

¹⁰ 1, 1: *...ostendebantur iuxta Scripturas*. Cf. 7, 2: *singula loca, quae semper ego iuxta Scripturas requirebam*; «(...) todos os lugares, que eu procurava sempre seguindo as Escrituras;» e 5, 12: *omnia loca quae ego semper iuxta Scripturas requirebam*, «(...) todos os lugares, que eu procurava ver sempre seguindo as Sagradas Escrituras;». Repare-se como Egéria recorre ao pronome *ego* para marcar de forma incisiva o forte desejo que preside à procura.

¹¹ A expressão é de Remo Gelsomino. Cf. Remo GELSOMINO, «Egeria, 381-384 d. C: dalle radici romane alle radici bibliche», *Atti del convegno internazionale ...*, pp. 245; 281.

¹² *Tunc ego, ut sum satis curiosa, requirere cepi, quae esset haec uallis ubi sanctus monachus nunc monasterium sibi fecisset; non enim putabam hoc sine causa esse.*

¹³ J. Ziegler demonstrou que Egéria trazia consigo livros que a ajudavam na viagem: em primeiro lugar a Bíblia, mas também o *Onomasticon*, de Eusébio, traduzido por Jerónimo. (Z. ZIEGLER, «Die Peregrinatio Aetheriae und das Ono-

gar, e sempre que faz uma paragem solicita que lhe seja lido o passo das Escrituras a que o local faz memória.

Enquadramento geográfico e temporal

A viagem decorreu de 381 a 384, porém apenas temos acesso ao relato dos últimos seis a sete meses, pois o *Itinerário* apresenta-se incompleto, faltando-lhe o início, até ao Sinai, e o fim, a partir de Constantinopla. A viagem durou, portanto, três anos, conforme refere no seu testemunho: «Em seguida, em nome de Deus, passado algum tempo, como havia já três anos completos que eu tinha chegado a Jerusalém e tinham sido vistos também todos os lugares santos aos quais me deslocara para rezar, e tendo já por isso a intenção de voltar à pátria, quis também, por vontade de Deus, ir à Mesopotâmia da Síria, para ver os santos monges, que se dizia serem ali muito numerosos e de vida tão admirável que apenas a custo pode ser referida. (...)»¹⁴,

Aspectos linguísticos: a origem hispânica?

É provável que Egéria tenha iniciado a sua viagem a partir da Galécia que compreendia o conuentus de Bracara e tinha esta cidade como capital de província, já no século IV. O facto de utilizar um discurso onde se podem distinguir alguns usos linguísticos próprios da região noroeste da Península tem permitido que alguns estudiosos a considerem de origem hispânica¹⁵.

O estudo das peculiaridades hispânicas do texto remonta ao século passado a trabalhos de Hübner¹⁶, Férotin¹⁷ e mais recentemente de Agustín Arce¹⁸, Väänänen¹⁹ e, no caso português, de José Geraldes Freire²⁰ e Aires A. Nascimento.

Väänänen referiu a expressão *tam magnum = tantum* como equivalente ao português «tamanho»; Freire apontou três momentos do *Itinerário* onde estão docu-

mastikon des Eusebius» e «Die Peregrinatio Aetherae und die Hl. Schrift», *Biblica*, 12, 1931, pp. 70-84; 162-198.) Cf. P. MARAVAL, *Lieux saints et pèlerinages d'orient*, Paris, Les Éditions du Cerf, 1985, p. 14.

¹⁴ 17, 1: *Item in nomine Dei, transacto aliquanto tempore, cum iam tres anni pleni essent, a quo in Ierusalem uenisse, uisis etiam omnibus locis sanctis, ad quos orationis gratia me tenderam, et ideo iam reuertendi ad patriam animus esse: uolui, iubente Deo, ut et ad Mesopotamiam Syria accedere ad uisendos sanctos monachos, qui ibi plurimi et tam eximia uitae esse dicebantur, ut uix possi referri; (...).*

¹⁵ Outros autores sustentam opinião diferente. Gamurrini considerou-a originária da Gália Narbonense e K. Meister da Gália Meridional. Maraval, no entanto, considera que não é possível comprovar a origem de Egéria recorrendo às fontes e à análise linguística do texto. No seu entender a questão fica em aberto (cf. P. MARAVAL, op. cit., 1982, pp. 19-21).

¹⁶ E. HÜBNER, *Inscript. christ. lat. Hispaniae*, 1871, n. 103.

¹⁷ M. FÉROTIN, *Recueil des chartes de l'abbaye de Silos*, Paris, 1897, pp. 28; 165; 234; 278; 341.

¹⁸ A. ARCE, *Itinerario de la virgen Egeria (381-384)*, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1980, p. 52 (=BAC, 416).

¹⁹ V. VÄÄNÄNEN, «I due livelli del linguaggio orale nell' "Itinerarium Egeriae"», *Atti del convegno internazionale...*, p. 162.

²⁰ J. G. FREIRE, «Três notas sobre a origem de Egéria: *accedere, collum, pullus*», *Separata do colóquio sobre o ensino do latim*, Lisboa, 1987, pp. 273-282.

mentados usos do português: o passo do parágrafo 12, 3 onde o verbo *accedere* surge em correspondência ao português «aceder»; a expressão *in collo* (em 31, 3) com o valor de «ter ao colo», ou ainda, o vocábulo *pullus* (recorde-se a expressão *ante pullorum cantus*, 24, 1) cuja permanência seria visível em alguns derivados portugueses, como por exemplo a palavra «poleiro».

Aires A. Nascimento²¹, destacou ainda outras ocorrências que podem atestar aproximações aos usos do português. Recordemos algumas. O termo *loco* deve ser entendido em alguns passos na acepção de advérbio de tempo «logo», cf. 24, 8: «na basílica que está logo junto da Anástase»²², e 46, 1: «estão logo, mesmo logo, os padrinhos e as madrinhas»²³. Também o verbo *mittere* pode traduzir-se, em dois exemplos, num português de registo informal, por «meter»; tal sucede nos parágrafos 3, 8 e 9, 3: «meter a Alexandria;» e «mete da Tebaida a Pelúcio», respectivamente.²⁴ Quanto à expressão portuguesa «tudo a direito» é possível encontrar uma correspondente no passo *totum ad directum* (3, 1).

O elenco das ocorrências latinas que remetem, quase automaticamente, para vocábulos e expressões portuguesas compreende, ainda, a palavra *pisinnola*, substituta de *paruus* na língua popular, a lembrar o adjectivo «pequeno/a», no grau diminutivo: *Ipse autem sanctus episcopus ex monacho est nam a pisinno in monasterio nutritus est* - «Quanto àquele bispo ele vem de monge; na realidade, desde pequenino foi criado no mosteiro» (9, 2); e *In eo ergo loco ecclesia est pisinna* - «Neste lugar, há uma igreja pequenina» (10, 9); a locução verbal *facientes aquam* (= *aquari*) e o vocábulo *foras*, avançamos nós, não são estranhas se pensarmos no português «fazer aguada» e «fora».

A espontaneidade e coloquialidade do texto deriva, certamente, do seu carácter epistolar. Este formato epistolar é marcadamente notório no texto pela referência expressa às *dominae*, irmãs companheiras de mosteiro, para quem endossa a sua relação de viagem, como anteriormente já referimos. Os termos afectuosos com que se lhes dirige – *uenerabiles, animae meaellumen meum, uestra affectionem* - são próprios de uma cultura eminentemente cristã²⁵ evidenciando a postura de piedosa humildade da monja e são apenas um magro exemplo do vocabulário cristão que abunda no *Itinerarium*. Os verbos declarativos, tais como *referam* (10 ocorrências²⁶) e *nuntiabo* (1 oc.), acentuam a ligação entre a narradora e as suas correspondentes, mas muitos outros, como *aio* (171 oc.), *dico* (171 oc.) e *requiro* (11 oc.), por exemplo,

²¹ Aires A. NASCIMENTO, «V. Väänänen, Le Journal-Épître d'Égérie (*Itinerarium Egeriae*). Étude linguistique», *Revista Euphrosyne*, 16, Lisboa, 1988, p. 438. Apresentamos, para as diferentes atestações, a tradução do autor.

²² *in basilica, quae est loco iuxta Anastasim (...)*

²³ *stant etiam loco patres uel matres(...)*.

²⁴ Cf.: *Egyptum autem et Palestinam et mare Rubrum et mare illud Parthenicum, quod mittit Alexandriam* (3, 8) e *quod transiebat per Arabiam ciuitatem, id est quod mittit de Thebaida in Pelusio* (9, 3).

²⁵ Cf. P. MARAVAL, *op. cit.*, 1982, p. 54.

²⁶ Seguiu-se a concordância lematizada elaborada pela equipa do Projecto VERLAME (JNICT). Para um elenco das concordâncias do *Itinerarium Egeriae*, cf. Alexandra B. Mariano e Aires A. Nascimento, *op. cit.*, p. 73.

que são empregues em várias situações demonstram o forte desejo de procura e imprimem uma coloquialidade espontânea ao texto, marca de um estilo próprio que parece radicar na linguagem falada. É a coloração vulgar do latim da peregrina para que Prinz²⁷, Díaz y Díaz²⁸, e mais recentemente P. Maraval²⁹, chamaram a atenção. Esta coloquialidade é também acentuada pelo recurso a repetições de vocábulos; de pronomes demonstrativos; de partículas (em especial *nam*, *autem* e *ergo*); aos pleonasmos (do tipo *ita...ita*; *tam...tam*, etc.); à utilização de expressões de valor superlativo, de diminutivos ou restritivos (tais como *ingens*, *ualde*, *satis*.³⁰).

Tratando-se de um relato de viagem, o vocabulário empregue pela narradora acusa necessariamente essa progressão espaço-temporal que é evidenciada na primeira parte da narrativa pelo recurso a verbos de movimento como *ascendere* (3, 1; 11, 4), *descendere* (3, 2; 7, 7; 16, 5; 20, 5; 36, 2), *ambulare* (4, 5), *exire* (4, 6), *mouere* (16, 5), *accedere* (20,1), *ire* (25, 6; 44, 3), *reuertere* (19, 3), etc.

A visão ocupa, igualmente, um papel de destaque enquanto meio privilegiado de captação do real que transparece ao nível das escolhas vocabulares. A tal facto não é alheia a circunstância da monja entender a viagem enquanto trajecto de enriquecimento e aprendizagem e de desvendamento e revelação para si e para todos os que partilham da sua experiência. Assim ela vê o local sagrado e em seguida recorda a circunstância que aí ocorreu ou a personalidade que o distingue recorrendo à oração e à leitura de *codice*³¹ que funcionam como rituais de ligação entre o mundo físico captado visualmente e a sua contrapartida espiritual. Esta fidelidade ao real, assegurada pela confirmação visual, é explicitada pelo recurso a dois verbos preferidos, os verbos *uideo* (73/3 oc.) e *ostendo* (55 oc.). O primeiro distingue os momentos em que a peregrina é a primeira a captar e descrever o que a motiva, enquanto que o verbo *ostendo* é empregue nas situações em que ela beneficia e recebe apoio das pessoas com quem se relaciona, normalmente monges a quem qualifica de santos.

A originalidade do relato não se esgota no estilo ou nas escolhas lexicais. A sintaxe do texto também é precursora. Com efeito, um dos traços mais característicos da narrativa diz respeito à ordem das palavras na frase. Esta, apesar de livre, revela uma notória tendência sujeito-verbo-objecto - (S)V O -, que é típica das línguas românicas³².

²⁷ O. PRINZ, *Itinerarium Egeriae*, Heidelberg, 1960, p. V.

²⁸ M. C. DÍAZ Y DÍAZ, *Antología del latín vulgar*, Madrid, Gredos, 1962, p. 79.

²⁹ P. MARAVAL, *op. cit.*, 1982, p. 52.

³⁰ Cf. V. VÄÄNÄNEN, *Le Journal-Épître d'Égérie (Itinerarium Egeriae). Étude linguistique*, Helsinki, Suomalainen Tiedakatemia, 1987.

³¹ O vocábulo *codex* (cf. também 33, 2) era empregue no século IV para designar a Bíblia.

³² V. VÄÄNÄNEN, *op. cit.*, p. 106.

Itinerários

Ao nível da estrutura a narrativa constrói-se pela articulação entre duas partes perfeitamente distintas. A primeira (parágrafos 1 a 23), que contempla o relato das viagens, os encontros com monges e bispos, a enumeração dos espaços percorridos e visitados, as referências ao tempo gasto em cada trajecto; e a segunda (24 a 49), onde se procura descrever com grande pormenor a liturgia de Jerusalém e cujo objectivo está claramente definido nas palavras de abertura do parágrafo 24: «Ora, para que Vossa Caridade saiba que ofícios têm lugar cada dia nos lugares santos, julguei dever dar-vos disso conhecimento, sabendo que teríeis gosto em conhecê-los.³³»

A narrativa torna-se coesa pela complementaridade entre estes dois grandes blocos. O primeiro é fortemente sustentado pela noção de espaço, porque corresponde ao registo das impressões que o percurso de visita a locais de interesse religioso suscitou; o outro é dominado, genericamente, pela componente temporal, porquanto se assume como descrição detalhada de cerimónias litúrgicas compreendidas num calendário determinado.

Num é notória a tentativa pedagógica de recuperação de um conhecimento religioso comum que parte dos textos sagrados, pela verificação do seu contraponto real, veja-se a viagem ao Sinai, a visita ao túmulo de Job; com o outro procura-se alargar esse saber, através de referências específicas aos ofícios sagrados da Cidade Santa, recordemos, a título de exemplo, as cerimónias da festa da Epifania ou a descrição das festas Pascais.

A primeira parte da narrativa que contempla as viagens desenvolve-se assente em quatro macro-sequências ou agrupamentos de parágrafos a que chamaremos itinerários (I), cujo espaço dominante, ponto de partida e de retorno, é Jerusalém, excepto na última sequência que coincide com o regresso à pátria (cf. 17, 1).

O I 1 compreende o percurso até ao Sinai (1 - 9); o I 2 a visita ao monte Nebo (10 - 12); o I 3 a ida à terra de Job (13 - 16); e o I 4 a viagem à Mesopotâmia (17 - 23)³⁴. Ao nível do discurso, estas macro-sequências são demarcadas entre si por frases introdutórias de conteúdo e estrutura similar permitindo a diferenciação entre as várias viagens nucleares, mas criando também uma uniformização e coesão ao nível da estrutura interna do texto³⁵.

A estes quatro itinerários subjaz uma articulação encadeada de micro-sequên-

³³ *Vt autem sciret affectio uestra, quae operatio singulis diebus cotidie in locis sanctis habeatur, certas uos facere debui, sciens quia libenter haberetis haec cognoscere.*

³⁴ Discordamos, neste ponto, da proposta de Hélène PÉTRÉ (*Éthérie - Journal de voyage*, Paris, Les Éditions du Cerf, 1948, p. 27. = Sources Chrétiennes, n.º 21) relativamente à definição do capítulo que marca o início da última sequência.

³⁵ Cf. 10, 1: «Em seguida, passado algum tempo, e por vontade de Deus, houve novo intento de ir até à Arábia, isto é, até ao monte Nebo» - *Item transacto aliquanto tempore et iubente Deo fuit denuo uoluntas accedendi usque ad Arabiam, id est ad montem Nabau*; 13, 1: «Em seguida, após algum tempo, quis ir também ao país de Ausítis (...)» - *Item post aliquantum tempus uolui etiam ad regionem Ausitidem accedere* e 17, 1: «Em seguida, em nome de Deus, passado algum tempo, (...) quis também, por vontade de Deus, ir à Mesopotâmia da Síria (...)» - *Item in nomine Dei, transacto aliquanto tempore (...) uolui, iubente Deo, ut et ad Mesopotamiam Syria accedere*. Não temos a introdução à primeira grande sequência, porque a parte inicial da *Peregrinatio* não chegou até nós; o texto apresenta lacunas no início e no fim.

cias, os capítulos, de maior ou menor extensão, que permitem acompanhar com minúcia a progressão no espaço. Por exemplo, a descrição do vale do Sinai (capítulos 2, 1 a 2, 7), a subida ao monte de Deus (3, 1 a 3, 8), a descida para o vale (4, 1 a 4, 8), a travessia do vale (5, 1 a 5, 12) - e assim sucessivamente.

Podemos demarcar três grupos distintos de locais a que Egéria se desloca para prestar a sua devoção: 1. aqueles a que se liga a recordação dos homens e acontecimentos do Antigo Testamento (I 1 a 4); 2. os que são *memoria*³⁶ ou *martyria* de santos cristãos a que o Novo Testamento faz referência (exclusivamente I 4), por exemplo o santuário de S. Tomé em Edessa (17, 1), o do monge Helpídio em Carra (20, 5), o de S.^{ta} Tecla em Selêucia da Isáuria (23, 2) e o de S.^{ta} Eufémia na Calcedónia (23, 7); 3. finalmente os locais que relembram os mistérios da vida de Cristo, em particular a paixão, a ressurreição e a ascensão. Referimo-nos ao conjunto das construções *Martyrium*, *Cruce* e *Anástase*³⁷, aos santuários do monte das Oliveiras (*Imbomon*, Eléona e Getsémani³⁸) e à igreja de Sião³⁹ - lugares que são descritos na 2.^a parte da narrativa⁴⁰.

O valor do testemunho

Para além do seu valor literário e linguístico, o *Itinerário* é um texto fundamental do ponto de vista histórico-cultural. Quem pretendesse encetar uma viagem aos lugares santos encontraria nele, certamente, um conjunto de informações que ultrapassariam a esfera religiosa. Indicações que lhe facilitariam a viagem, já o dissemos, e referências a aspectos linguísticos, geográficos e etnográficos que permitiriam o conhecimento de algumas particularidades regionais ou da situação política na zona à época.

Veja-se, por exemplo, a descrição que faz dos faranitas suscitada pela viagem empreendida de Farã a Jerusalém – que decorreu de 21 de Dezembro de 383 a 1 de Fevereiro de 384. Como nos diz Egéria, eles teriam desenvolvido um original sistema de orientação no deserto: «Ora, os faranitas, que costumam caminhar por ali com os seus camelos, colocam sinais de lugar em lugar e através destes sinais se guiam e assim circulam durante o dia, ao passo que de noite são os camelos que se guiam pelos sinais. E que dizer? Graças a este costume, os faranitas já caminham de noite com mais certeza e segurança neste lugar do que qualquer homem pode

³⁶ P. Maraval destaca que é no *Itinerarium Egeriae* que se encontra atestado pela primeira vez este vocábulo e sublinha a sua função comemorativa. (P. MARAVAL, *op. cit.*, 1985, p. 194.)

³⁷ Situada a oeste da ábside do *Martyrium*, aí se encontra o túmulo de Cristo e se comemora a Ressurreição.

³⁸ No *Imbomon* recorda-se a Ascensão de Cristo; em Eléona a reunião de Jesus com os apóstolos e em Getsémani a última noite de Cristo e a traição de Judas.

³⁹ A igreja de Sião onde está a coluna da flagelação e onde se relembra a descida do Espírito Santo é o sítio mais importante de Jerusalém, a seguir à Anástase.

⁴⁰ Outros lugares anotados por Egéria encontram-se mais distantes de Jerusalém. Referimo-nos ao Lazário - local onde se encontra o túmulo de Lázaro e que comemora a sua ressurreição -, situado a uma certa distância da cidade - «(...) a cerca de mil e quinhentos passos de Jerusalém (...)» (25, 11); «a cerca de duas milhas da cidade» (29, 3) -, e a basílica da Natividade em Belém, «em que está a gruta onde nasceu o Senhor», onde se relembra o nascimento de Cristo.

caminhar naqueles lugares onde existe uma estrada aberta.⁴¹». Também os isáurios merecem a sua atenção quando chega a Selêucia na província de Isáuria em Maio de 384. Segundo a autora este povo que habitava as montanhas do Tauro era conhecido pelas suas incursões e pilhagens: «Mas para voltar ao assunto, há, pois, uma grande quantidade de mosteiros⁴² ali sobre esta colina e, no meio, um muro grande que circunda a igreja onde está o santuário; este santuário é muito belo. Por outra parte, quanto ao muro foi ele construído para guardar a igreja dos isáurios, que são bastante maldosos e que frequentemente se dedicam à pilhagem, não fossem tentar qualquer acção próximo do mosteiro que está ali para servir a igreja.»⁴³ Recordemos ainda a alusão ao estabelecimento de fortes e postos de soldados e oficiais que zelariam pela manutenção da ordem em percursos instáveis, como por exemplo o trajecto entre Clisma e a cidade de Arábia, que a monja teria efectuado de 2 a 5 de Janeiro de 384: «Há, pois, de Clisma, isto é, do mar Vermelho até à cidade da Arábia quatro etapas pelo deserto; contudo pelo deserto em cada etapa existem postos de soldados e oficiais que nos escoltavam sempre de um forte a outro forte. Neste itinerário, pois, os santos que estavam connosco, isto é, os clérigos e monges, mostravam-nos todos os lugares, que eu procurava sempre seguindo as Escrituras; de facto, uns ficavam à esquerda, outros à direita do nosso itinerário, uns mais longe do caminho, outros mais perto.»⁴⁴

Com efeito, as viagens na época implicavam dificuldades acrescidas, pela insegurança geral⁴⁵, pela pouca comodidade, pela lentidão dos meios de transporte, pela dificuldade extrema de alguns percursos. Gregório de Nissa, escritor contemporâneo de Egéria faz-nos o seguinte retrato: «Uma mulher não pode empreender uma viagem tão longa sem ter com ela alguém para a proteger; a debilidade natural

⁴¹ Cf. 6, 2: *Faranite autem, qui ibi consueuerunt ambulare cum camelis suis, signa sibi locis et locis ponent, ad quae signa se tendent et sic ambulant per diem. Nocte autem signa cameli attendunt. Et quid plura? Diligentius et securius iam in eo loco ex consuetudine Faranitae ambulant nocte quam aliqui hominum ambulare potest in his locis, ubi uia aperta est.*

⁴² Recordem-se, a título de exemplo, os mosteiros fundados por Melânia-a-Velha e Rufino, em Jerusalém no século IV (PALÁDIO, *Hist. laus.*, 46, 5 - PL, t. 74), e de Paula e S. Jerónimo em Belém (JERÓNIMO, *Epist.*, 66, 14; 108, 14).

⁴³ Cf. 23, 4: *Sed ut redeam ad rem, monasteria ergo plurima sunt ibi per ipsum collem et in medio murus ingens, qui includet ecclesiam, in qua est martyrium, quod martyrium satis pulchrum est. Propterea autem murus missus est ad custodiendam ecclesiam propter Hisauros, quia satis mali sunt et frequenter latrunculantur, ne forte conentur aliquid facere circa monasterium, quod ibi est deputatum.*

⁴⁴ 7, 2: *Sunt ergo a Clesma, id est a mare Rubro, usque ad Arabiam ciuitatem mansiones quattuor per heremo, sic tamen per heremum, ut cata mansiones monasteria sint cum militibus et propositis, qui nos deducebant semper de castro ad castrum. In ergo itinere sancti, qui nobiscum errant, hoc est clerici uel monachi, ostendebant nobis singula loca, quae semper ego iuxta Scripturas requirebam; nam alia in sinistro, alia in dextro de itinere nobis errant, alia etiam longius de uia, alia in proximo.*

⁴⁵ Havia no entanto zonas mais seguras onde não era necessário recorrer, por exemplo, à escolta de soldados. Tal sucedeu na passagem, efectuada por Egéria em Fevereiro de 384, da cidade de Arábia até Jerusalém (cf. 9, 3): «Ora, a partirdali nós dispensámos os soldados que nos haviam prestado ajuda em nome da autoridade romana, durante o tempo em que tínhamos andado por regiões pouco seguras; agora, porém, como era a via pública do Egipto que atravessava a cidade de Arábia, isto é, aquela que vai da Tebaida a Pelúcio, a verdade é que já não era necessário incomodar os soldados.» - *Nos autem inde iam remisimus milites, qui nobis pro disciplina Romana auxilia prebuerant, quandiu per loca suspecta ambulaueramus; iam autem, quoniam ager publicum erat per Egyptum, quod transiebatur per Arabiam ciuitatem, id est quod mittit de Thebaida in Pelusio, et ideo iam non fuit necesse uexare milites.*

do seu sexo exige que a ajudem a subir para a sua montada, que a ajudem a descer. É preciso necessariamente que a amparem nos percursos difíceis. Quer se trate de um amigo ou de um mercenário que lhe preste os seus serviços, ela não conseguirá evitar a censura; e se se entregar ao estrangeiro ou ao servidor, ela violará as leis de castidade.»⁴⁶

No entanto é com felicidade e satisfação que a monja suporta as provações da longa viagem. Recordemos as dificuldades da subida ao monte Sinai: «Assim, pois, por vontade de Cristo nosso Deus, ajudada pelas preces dos santos que me acompanhavam e com um grande esforço, porque era preciso subir a pé, pois não se podia de todo subir em sela, a verdade é que este esforço não se sentia, por aquela parte; de facto, não se sentia o esforço, porque o desejo que eu tinha via-o realizar-se, por vontade de Deus; (...)»⁴⁷ e a viagem ao túmulo de Job: «Em seguida, após algum tempo, quis ir também ao país de Ausítis, para visitar o túmulo do bem-aventurado Job e aí rezar. Via, com efeito, muitos monges que vinham dali para Jerusalém para visitar os lugares santos e rezar; ao falarem pormenorizadamente daqueles lugares criaram em mim um maior desejo de me impor o esforço de ir também até àqueles lugares, se é que se pode falar em esforço quando uma pessoa vê o seu intento realizar-se.»⁴⁸

Todos estes elementos permitem imaginar uma mulher a quem a devoção enche de coragem, que procurou através da peregrinação, e da leitura e oração, reviver e recuperar, para si e para outros, um conhecimento que se fixa nas Escrituras. O modo como Egéria nos relata as suas experiências, a curiosidade e a vivacidade simpática que imprime ao seu relato deixam depreender, igualmente, os contornos de uma abertura de espírito ao exotismo e às diferenças de usos e costumes estrangeiros. É este maravilhamento perante o que vê e ouve, não apenas o que já conhece e pretende confirmar mas também o que lhe é desconhecido, passado para a escrita de uma forma singela a que não é alheia a sua condição de religiosa que torna a sua relação de viagem um testemunho singular. O *Itinerarium* da monja Egéria é, pois, uma representação do mundo mas, como qualquer relato de viagem, é fundamentalmente um testemunho sobre ela própria.

⁴⁶ Περὶ τῶν ἀπιόντων εἰς ἱεροσόλυμα

⁴⁷ 3, 2: *Hac sic ergo iubente Christo Deo nostro, adiuta orationibus sanctorum, qui comitabantur, et sic cum grandi labore, quia pedibus me ascendere necesse erat, quia prorsus nec in sella ascendi poterat, tamen ipse labor non sentiebatur ex ea parte autem non sentiebatur labor, quia desiderium, quod habebam, iubente Deo uidebam compleri (...).*

⁴⁸ 13, 1: *Item post aliquantum tempus uolui etiam ad regionem Ausitidem accedere propter uisendam memoriam sancti Iob gratia orationis. Multos enim sanctos monachos uidebam inde uenientes in Ierusalem ad uisenda loca sancta gratia orationis, qui singula referentes de eisdem locis fecerunt magis desiderium imponendi michi laboris, ut etiam usque ad illa loca accederem, si tamen labor dici potest, ubi homo desiderium suum compleri uidet.*

